

Unabomber, um parresiasta no Império

Edivaldo Vieira da Silva

Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Contato:
evsilva2002@yahoo.com.br.

RESUMO:

Este artigo analisa a existência de Theodore Kaczynski, o *Unabomber*, célebre terrorista norte-americano da década de 1990 e autoproclamado anarquista, a partir de seu libelo revolucionário *A Sociedade Industrial e seu Futuro*. Situa-se os pontos de intersecção com o anarquismo – a repetição do experimento primitivista de Henry David Thoreau – e distanciamento – a teoria da vanguarda revolucionária –, bem como o cruzamento atemporal com os cínicos, no exercício do “discurso parresiástico.

Palavras-chave: *Unabomber*, terrorismo, parresía, Michel Foucault, anarquismo.

ABSTRACT:

This article analyses the life of Theodore Kaczynski, alias the Unabomber, a very known American terrorist from the 1990`s — and self-proclaimed anarchist — through the reading of his libel The Industrial Society and its Future. The article highlights the points of intersection with anarchism (the emulation of Henry David Thoreau`s primitiviste experience) and the points of detachment from anarchism (the theory of revolutionary vanguard), as well the timeless intersection with the cynics into the practice of the “parrhesiastic discourse”.

Keywords: Unabomber, terrorism, parrhesia, Michel Foucault, anarchism.

SILVA, Edivaldo Vieira da (2014). Unabomber, um parresiasta no Império. *Revista Ecopolítica*, n. 10, set-dez, pp. 50-92

Recebido em 14 de maio de 2014. Confirmado para publicação em 25 de agosto de 2014.

O espaço ‘tropológico’ onde radica o ‘procedimento’ se uniria então com a máscara; o vazio que se abre no interior de uma palavra não seria simplesmente uma propriedade de sinais verbais, mas uma ambiguidade mais profunda, talvez mais perigosa: mostraria que a palavra, como um rosto de papelão multicolorido, oculta o que dobra e o isola por uma fina espessura da noite. A duplicação das palavras seria como a duplicação da máscara sob o rosto: se abriria sobre o mesmo eclipse do ser (Foucault, 1976: 30).

Theodore Kaczynski talvez seja a figura mais emblemática, no ocaso do século XX, do que viria a se configurar como a sociedade pós-disciplinar, ou, nos termos de Gilles Deleuze, a *Sociedade de Controle*, delineada como novo diagrama de poder pelas novas tecnologias de informação e comunicação. No entanto, toda uma concepção de tempo linear é subvertida, assim como os tempos históricos zelosamente ordenados por historiadores profissionais – positivistas e marxistas –, os acontecimentos cuidadosamente organizados a partir da noção otimista de “progresso” do iluminismo clássico. Embaralhados, projetam-se no atual para em seguida se desvanecerem e darem lugar a formas históricas passadas, supostamente encerradas e resolvidas historicamente, sob olhares atônitos diante de um devir que se modula a partir de composições imponderáveis.

Kaczynski ingressa em Harvard aos dezesseis anos ingressa em Harvard, faz seu mestrado e doutorado (Universidade de Michigan), e com vinte e seis anos, em 1967, era professor-assistente em Matemática Pura na Universidade da Califórnia, Berkeley. Dois anos depois se demite e se move para o Canadá em busca de uma região selvagem para residir. Negada sua permanência legal neste país, retorna aos Estados Unidos e se desloca para Lincoln, no estado de Montana, onde constrói uma cabana em um bosque para viver isolado, como rejeição à civilização ocidental e à sociedade tecnológica; optou por um modo de vida próximo ao das chamadas sociedades primitivas.

Entre 1978 e 1995, Theodore Kaczynski empenhou-se em produzir

uma série de ataques com cartas-bombas que resultaram em três mortes e 23 feridos. Durante este período o FBI criou uma divisão especial e, dentro do padrão de produção do espetáculo para o consumo midiático, apresentou em 1987 o retrato falado de um jovem com blusa de capuz, bigode e óculos de aviador, visibilizando a figura que em 1980 recebeu o acrônimo: **Un** – de *university* –, **A** – de *Airlines*, – e **Bombing**, sigla associada aos seus principais alvos de ataque. A contração de *University and airline bomber*, em seguida será popularizada na mídia com a constituição do sujeito-terrorista *Unabomber*.

Em carta enviada em junho de 1995 ao *New York Times* e ao *Washington Post*, Kaczynski comprometia-se em interromper seus ataques caso estes jornais publicassem seu manifesto intitulado *Industrial Society and Its Future (A Sociedade Industrial e seu Futuro)*, o que ocorreu em 19 de setembro do mesmo ano.

O diretor do FBI, Louis J. Freeh, em entrevista a Ted Ottley enaltece a potência do banco de dados da ATF (*Bureau of Alcohol, Tobacco, and Firearms*¹), ao longo de seus 17 anos de existência (http://www.crimelibrary.com/terrorists_spies/terrorists/kaczynski/15.html), que, em parceria com o Serviço Postal Estadunidense, formou a base da Força Tarefa UNABOM. Porém, a captura de Kaczynski se deu pelo meio mais arcaico, tanto para a constituição e controle da delinquência, quanto para o funcionamento da polícia: a delação. Ele foi denunciado por seu irmão David Kaczynski, após este reconhecer o estilo de escrita do Manifesto e encontrar os originais. Em janeiro de 1998, após uma longa resistência e troca de advogados, que queriam defendê-lo caracterizando-o como “doente mental”, Kazynski realiza um acordo com o poder jurídico estadunidense: declinar de sua intenção original de

¹ Agência federal do Departamento de Justiça dos Estados Unidos responsável pelo controle, prevenção e repressão ao tráfico e uso ilegal de armas e explosivos, como também de regulação da venda, posse e comércio interestadual de armas de fogo, munição e explosivos. In: http://en.wikipedia.org/wiki/Bureau_of_Alcohol,_Tobacco,_Firearms_and_Explosives.

ir a júri popular e conduzir sua autodefesa, reconhecer sua culpa, em troca da comutação da pena de morte em prisão perpétua, sem direito à liberdade condicional. Na atualidade, Kaczynski cumpre sua pena em prisão de segurança máxima (US Pen-Admin Max Facility) em Florence, Colorado, Estados Unidos.

O Manifesto

O Manifesto *A Sociedade Industrial e seu Futuro* é um opúsculo dividido em 232 parágrafos, que se entrecruzam e retornam para fortalecer um enunciado, guardando as devidas proporções, pois Kaczynski está mais preocupado em apresentar um libelo revolucionário do que uma obra estilística; utiliza um recurso típico de Julio Cortázar em *Rayuela (O Jogo da Amarelinha)*: permitir ao leitor reconstruir a obra em seu processo de leitura, ainda que o faça de uma forma dirigida; ao final de cada parágrafo, Kaczynski remete o leitor a outros anteriores e posteriores que dão tratamento ao mesmo tema.

Kaczynski estabelece três temas que o colocam à margem ou além do espectro político moderno: a crítica aos conservadores a partir da análise do sistema tecnológico-industrial; a oposição ao que denomina “esquerdismo”; e a apresentação de uma estratégia para a composição de uma força revolucionária para a destruição do padrão civilizatório baseado nas tecnologias organizadas pelo Estado e o Grande Capital.

1º) A crítica aos conservadores a partir da análise do sistema tecnológico-industrial

De acordo com Kaczynski, o entusiasmo pelo progresso é um acontecimento recente na história da humanidade, remetendo ao século XVII (KACZYNSKI, 1995: § 210, p. 67), porém, desde a antiguidade duas modalidades de tecnologia se constituíram a partir de forças diversas: a tecnologia de pequena escala e a tecnologia dependente de

organizações. A tecnologia de pequena escala é o padrão apresentado por camponeses, artesãos e aldeões de forma autônoma, tais como a criação de uma “roda d’água” ou a composição do aço por um ferreiro, sem depender de ajuda de forças exteriores. A tecnologia dependente de uma organização é o padrão de tecnologia que se confunde com a organização política da sociedade a partir do Estado. A tecnologia de pequena escala tende a ser transmitida hereditariamente como valor imaterial de uma cultura, porém, as grandes obras ou tecnologias de projetos citadinos tendem ao desaparecimento junto com o império que as engendrou, como os aquedutos, o sistema de saneamento urbano ou as técnicas de construção de calçadas romanas do Império Romano (Idem: § 208, p. 66).

O dilema de Kaczynski, no entanto, é com a sociedade que impõe a tecnologia de organização como grade inexorável de evolução humana, sociedade esta instaurada com o advento da Revolução Industrial. Com o desenvolvimento tecnológico, novas modalidades de organização do poder político se cristalizam, supostamente reduzindo o poder soberano com a constituição de uma ordem jurídica baseada na formulação de direitos constitucionais. Esta nova concepção de liberdade não impressiona Kaczynski, que a vê como expressão da visão de liberdade de uma classe burguesa: *liberdade econômica* de produção e circulação de mercadorias; *liberdade de imprensa e isonomia* como princípio formal de igualdade, para assegurar à sociedade civil que a governança se conduz com lisura e respeitabilidade aos direitos individuais. Não que Kaczynski considere a concepção de liberdade em cidades pré-industrial mais aceitável que a da visão burguesa, mas sinaliza que as cidades renascentistas ou da Nova Inglaterra, respectivamente, viviam sob o jugo de ditadores ou sob um poder monárquico, e apresentavam um grau de liberdade maior para o indivíduo. Em Kaczynski, não se trata das formas de organização política do Estado, mas do fato de que o grau de liberdade em uma

sociedade é determinado pelo desenvolvimento econômico e tecnológico, e não por suas formas de governo ou conjunto de leis. Neste olhar voltado ao passado, mas repleto de presente e de devires, Kaczynski vislumbra o intempestivo que visita e modula todos os diagramas de poder – diagrama de soberania, diagrama disciplinar – e, principalmente, o da contemporaneidade, que carrega sua marca, a sociedade de controle:

Mas lendo sobre essas sociedades fica a impressão de que permitiam mais liberdade pessoal do que a nossa. Em parte era porque faltavam mecanismos eficientes para executar a vontade do governante: não tinha forças policiais modernas bem organizadas, comunicações rápidas de longa distância, câmeras de vigilância, dossiês de informação sobre a vida dos cidadãos médios. Portanto era relativamente fácil escapar do controle (Ibidem: § 95, p. 28).

Nas sociedades pré-industriais, em particular nas sociedades ditas primitivas, o mundo natural dava o sentido de estabilidade e segurança, o homem se integrava ao compasso lento de mudanças da natureza; porém, no mundo moderno, a relação de poder se inverte, a dinâmica da mudança é determinada pelo homem, que imprime velocidade ao tempo a partir dos avanços tecnológicos.

Ao homem primitivo, os perigos de uma vida selvagem colocavam riscos reais à sua existência – ataque de animais ou necessidade de deslocamentos em busca de alimentos –, porém, ele não era totalmente indefeso, e nisso reside a noção de liberdade de Kaczynski, pois detinha o controle não sobre outras pessoas, mas sobre suas ações e tomada de decisões: o “poder de controlar a própria vida” (Ibidem: § 94: p. 21) em suas dimensões essenciais e necessárias como vida, morte, alimentação, vestuário, etc. O homem moderno, por sua vez, não pode realizar seu desejo por segurança, pois as decisões que lhe afetam a vida extrapolam suas dimensões corpóreas e atingem a totalidade do sistema, de pessoas e máquinas:

As nossas vidas dependem de decisões feitas por outras pessoas;

não podemos controlar essas decisões e geralmente nem sequer conhecemos as pessoas que as tomam. [...] As nossas vidas dependem da manutenção dos padrões de segurança de uma central nuclear; de quanto pesticida chega à nossa alimentação ou quanta poluição ao ar que respiramos; ou da competência do nosso médico; se perdemos um emprego ou o conseguimos pode depender de decisões feitas por economistas a trabalharem para o governo ou por gestores de empresas; e por aí afora. A maior parte dos indivíduos consegue proteger-se destas ameaças só muito limitadamente. A procura de segurança pelo indivíduo é por isso frustrada, o que resulta em uma sensação de impotência (Ibidem: § 67, pp. 20-21).

Esta disposição das liberdades na sociedade tecnológica de controle não é um mero resultado de decisões arbitrárias e impessoais de burocratas ou servidores do Estado, mas se encontra na própria base organizacional do sistema, que submete a pessoa a uma rede de normas e regulamentos como necessidade vital para o seu funcionamento, o que implica mobilizar uma série de dispositivos para a modulação de subjetividades – técnicas educacionais, propaganda ou programas de ‘saúde mental’ (Ibidem: § 114, p. 114) – e controle de comportamentos humanos.

Com a sociedade tecnológica, a ordem das coisas que persistiu durante milhares de anos é desestabilizada, o sistema que existia pretensamente para suprir as necessidades humanas torna-se potência soberana; agora, são os comportamentos humanos que precisam ser bem adaptados às necessidades do sistema, por obra e graça de dispositivos tecnológicos. Se no passado, estes dispositivos adquiriam formas explícitas de *techné* de disciplinarização de corpos e almas no interior de instituições de confinamento, ainda que propiciassem espaços de resistências, no atual, de acordo com Kaczynski, vivemos em um momento “divisor de águas” no qual tecnologias tradicionais de modelação de subjetividades são complementadas por modulações invasivas no biológico, na constituição física e mental do corpo por biotecnologias e engenharia genética.

Não obstante, tais tecnologias são introduzidas paulatinamente como desenvolvimento natural das coisas, mascarando sua base autoritária de imposição, tornando pueril qualquer tentativa de estabelecer um código de ética para a biotecnologia, pois o controle se apresenta como a velocidade dinâmica de processos de evolução social:

Em termos gerais, o controle tecnológico sobre os seres humanos provavelmente não será introduzido com uma intenção totalitária e nem mesmo através de um desejo consciente de restringir a liberdade humana. No entanto, alguns psicólogos expressaram publicamente opiniões indicando seu desprezo pela liberdade humana. O matemático Claude Shannon foi citado em *Omni* (agosto de 1987) dizendo ‘visualizo um tempo no que seremos para os robôs o que os cachorros são para os humanos, e eu apoio as máquinas’. Cada novo degrau na afirmação do controle sobre a mente humana será considerado como uma resposta racional a um problema enfrentado pela sociedade, tal como curar alcoolismo, reduzir taxa de crime ou induzir jovens ao estudo de ciências e engenharia. Em muitos casos, haverá uma justificativa humanitária. Por exemplo, quando um psiquiatra prescreve um antidepressivo a um paciente deprimido, faz um favor a essa pessoa, claro. Seria desumano negar remédio a alguém que precisa. Quando os pais mandam seus filhos ao Centro de Aprendizagem Sylvan para que sejam condicionados a ter entusiasmo pelos estudos, o fazem preocupados com o bem-estar deles. Talvez alguns destes pais preferissem não haver necessidade de seu filho passar por um treinamento especializado para conseguir trabalho não precisasse passar por uma lavagem cerebral para converter-se num especialista em computadores. Mas, o que fazer? Não podem mudar a sociedade, e seu filho pode ficar desempregado se não tiver certas habilidades. Assim, o mandam para o Sylvan² (Ibidem: § 152, p. 48).

Nesta configuração diagramática da Sociedade de Controle, os conservadores se entorpecem com sua própria grade de pensamento, pois aspiram melancolicamente o sentimento de segurança alimentado

² *Sylvan Learning*, escola particular de ensino fundamental e médio, franqueada e disseminada por várias cidades dos Estados Unidos (<http://www.sylvanlearning.com/>).

por valores de sociedades ou comunidades tradicionais, acolhendo de forma entusiástica, com seus preceitos neoliberais, o desenvolvimento tecnológico responsável pela constituição do sistema e pelo abandono de valores como a fidelidade pessoal, comprometimento comunitário em prol da organização, das necessidades técnicas, do desenvolvimento das “competências e habilidades” utilitárias à sociedade inclusiva.

2º) oposição ao “esquerdismo”

No esforço recorrente ao longo de todo o Manifesto de empreender uma crítica contundente à sociedade tecnológica moderna, Kaczynski se antecipa às ressonâncias negativas aos seus enunciados, que pretendam caracterizá-lo como “louco”, projetando-as para o divã, com o mesmo olhar curioso – na busca do mistério e do imponderável – de Lombroso observando o crânio de anarquistas; quando o imponderável é a própria marca distintiva do contemporâneo: “Não somos os primeiros a mencionar que hoje o mundo parece estar enlouquecendo. Isso não é normal nas sociedades humanas” (Ibidem: § 45, p. 15).

A análise se fundamenta no plano comparativo entre a sociedade moderna e as sociedades pré-industriais, remontando ao homem primitivo; no entanto, Kaczynski evita o caminho mais fácil de apologia ao homem primitivo, imaginado como “bom selvagem”. Kaczynski reconhece em sociedades primitivas a agressão contra a mulher e a existência da transexualidade como desvios, porém, se detém na diferença quantitativa, relativa ao número escasso de casos no mundo pré-moderno e ao montante avassalador no contemporâneo, levando-o a crer que os níveis de tensão e frustração eram menores entre os primitivos e que eles, a despeito das agruras e dificuldades para a satisfação de suas necessidades básicas, satisfaziam-se mais que o homem moderno com sua forma de vida (Ibidem: § 45, p. 15).

Kacsynski isola diversas supostas causas da proliferação de problemas

sociais e psicológicos no mundo moderno – a excessiva densidade populacional, o isolamento do homem da natureza, o excesso de rapidez nas mutações sociais (Ibidem: § 47, p. 16) –, porém, não considera como problema o deslocamento do homem primitivo das florestas para pequenos agrupamentos sociais – clã, aldeia, tribo – ou mesmo para as cidades pré-industriais. Em especial, citando a desagregação de pequenas comunidades nos Estados Unidos durante o século XIX, refere-se às famílias que se isolaram a milhares de milhas do vizinho mais próximo e que nem por isso apresentavam problemas psicológicos (Ibidem: § 55, p. 18). Do mesmo modo, não via manifestação de perturbação psicológica no deslocamento do homem das cidades pré-industriais para as florestas, nem tampouco perturbações no movimento em sentido inverso:

Um homem podia ter nascido e ser criado numa cabana de madeira, longe da alçada da lei e de qualquer forma de organização, e alimentado com carne de animais selvagens; esse mesmo homem, quando chegasse a uma idade avançada, encontrar-se-ia a trabalhar num emprego regular, vivendo numa comunidade organizada e com aplicação das leis. Sendo uma mudança mais profunda do que ocorre tipicamente na vida de um indivíduo moderno, não consta que tenha acarretado problemas psicológicos. Na verdade, a sociedade norte-americana do século XIX era otimista e autoconfiante, bem ao contrário da sociedade que lhe sucede hoje (Ibidem: § 56, p. 18)”.

De acordo com Kazynski, a principal causa dos problemas sociais e psicológicos da sociedade moderna é a falta de oportunidades, negadas pelo sistema ao homem moderno para sua afirmação pessoal. O sistema tecnológico-industrial se afirma desmontando todo o complexo de condutas e comportamento acumulados durante todo o processo ancestral de evolução da espécie humana, exigindo que se aja sob condições inteiramente outras, que se comporte docilmente diante de condições anormais.

Com a negação das atividades reais que propiciariam a realização

pessoal, o homem desenvolve “atividades de substituição”, tais como a arte, a ciência, atividades esportivas, acesso a obtenção de mercadorias – se desdobrando em “consumismo”, organizado pela publicidade e o marketing – e aquela que lhe causa mais incômodo: o “esquerdismo”.

Kaczynski define como “esquerdistas” os herdeiros da esquerda do século XIX, de todos os movimentos políticos que defendem causas diversas como o “feminismo, direito dos homossexuais, minorias étnicas, incapacitados, direitos dos animais, correção política” (Ibidem: § 229, p. 73).

De acordo com Kaczynski, o “esquerdista” caracterizado como “rebelde” é um ser “sobressocializado”. A “socialização” é o processo pelo qual crianças são introduzidas na vida em sociedade, mediante a absorção de seu código moral, modulando-as para ser um futuro cidadão cordato com a obediência e funcionamento do sistema. Neste aspecto, o esquerdista não está contra a moral estabelecida, ao contrário, demanda o cumprimento destes princípios pelos setores majoritários, em geral, já codificados em lei, e alvo de intensas campanhas educativas e propagandas – pública e privada –, pois se trata de aperfeiçoar todos os meios que movem o sistema:

O principal impulso da propaganda em nossa sociedade é a favor dos valores declarados. A principal razão para que tais valores prevaleçam, por assim dizer, como valores oficiais de nossa sociedade é que eles são úteis ao sistema industrial. A violência é reprovada porque transtorna o funcionamento do sistema. O racismo é reprovado porque os conflitos étnicos também o transtornam. A discriminação desperdiça o talento dos membros de um grupo minoritário que pode ser útil para o sistema. A pobreza deve ser «curada» porque a classe baixa causa problemas ao sistema e o contato com esta abate a moral das outras classes. As mulheres são animadas a ter carreiras porque seus talentos são valiosos para o sistema e, ainda mais importante, por meio do trabalho regular as mulheres estão mais bem integradas ao sistema e se atam diretamente a ele mais do que com suas famílias. Isto ajuda a debilitar a solidariedade

familiar. Os líderes do sistema dizem que querem fortalecer a família, mas o que realmente querem dizer é que almejam que a família sirva como ferramenta eficaz para socializar aos filhos de acordo com suas necessidades. Raciocinamos nos parágrafos 51, 52 que o sistema não pode permitir à família ou qualquer outro grupo social de pequena escala ser forte e autônomo. Estes valores são explícita ou implicitamente expressos ou orçados em muitos dos materiais apresentado pelos meios de comunicação de corrente de opinião majoritária e pelo sistema educativo. Os esquerdistas especialmente do tipo sobressocializado, normalmente não se rebelam contra estes princípios, exceto quando justificam sua hostilidade à sociedade afirmando (com algum grau para valer) que esta não está vivendo de acordo com eles (Ibidem: § 28:, p. 10).

Não que Kaczynski, em *A Sociedade Industrial e seu futuro*, seja contrário à multiplicidade de lutas que afloram na segunda metade do século XX, mas desconfia de suas lideranças e evita qualquer colaboração. Em geral, considera que tais lideranças são constituídas por estudantes e professores universitários, pertencentes às classes médias e altas brancas, que se propõem a defender os direitos de minorias. Reconhece nessas lideranças uma expressão da “atividade substitutiva” e desejo extremado de chegar ao poder. Uma vez estabelecidas – e Kaczynski remonta à experiência revolucionária russa (Ibidem: § 224 e §225, pp. 71-72) –, edificam estruturas mais rígidas ainda (da polícia czarista à KGB), perseguindo minorias que diziam representar, ao mesmo tempo que fortalecem instrumentos de propaganda que traduzem o esquerdismo em uma espécie de religião:

As pessoas que galgam a posições de poder no movimento esquerdista tendem a ser esquerdistas cada vez mais sequiosos por poder, porque as pessoas mais sequiosas por poder são aquelas que lutam duramente para chegar a posições de poder. Depois que os sedentos por poder conquistam o controle do movimento, muitos esquerdistas independentes sentem-se angustiados e traídos e passam a desaprovar muitas das ações de seus líderes, mas não chegam ao ponto de opor-se a eles. A fé no movimento é

mantida e por não poderem renunciar a ela seguem junto com os líderes. Verdadeiramente, alguns raros esquerdistas corajosamente se opõem a uma eventual tendência totalitária, mas geralmente caem no vazio, porque os sedentos por poder estão melhor organizados, são mais cruéis, maquiavélicos e cuidam de escorar-se em uma forte base (Ibidem: § 224, p 71).

Com a elaboração de suas críticas, que atingem todo o espectro político tradicional, da direita à esquerda, Kaczynski desenvolverá sua teoria revolucionária.

3º) A estratégia revolucionária do *Unabomber*

A análise densa de Kaczynski sobre a sociedade tecnológica, da vertente que a defende – dos tecnófilos e dos neoliberais híbridos, entusiastas da tecnologia e seus efeitos econômicos, mas saudosos dos valores tradicionais – e daquela que a ataca na multiplicidade de “artérias” que a constitui, denominadas genericamente como “esquerdistas”, são momentos na modulação da singularidade de Kaczynski e de sua perspectiva voltada para formular uma teoria e prática da ação revolucionária contra a sociedade industrial tecnológica.

De acordo com Kaczynski, a história é uma somatória no tempo de dois componentes: um errático, o “evento”, que por sua natureza imprevisível, estabelece uma “norma incompreensível”, e as “tendências históricas” de longa duração (Ibidem: § 99:, p. 30); é no cruzamento dos dois, “evento” e “tendências históricas”, que situa o dilema “reforma ou revolução”.

No plano analítico, Kaczynski estabelece cinco movimentos ou cinco princípios resultantes do cruzamento entre “evento” e “tendência histórica”:

- 1º) a mudança se apresenta como pequena mudança transitória, sem alterar a tendência histórica mais geral. Cita como exemplo a “corrupção”, que gera momentos de efervescência política de oposição, medidas de contenção, mas, após breve período de tempo, retorna sorrateiramente. Caso ocorra de maneira mais permanente, representa não mais uma

pequena mudança, mas uma mudança de “tendência histórica”; 2º) se uma mudança for de grandes proporções, altera uma tendência histórica, e com ela, a sociedade como um todo; a mudança ocorrerá no sistema, pois todas as partes estão correlacionadas; 3º) uma mudança que acarrete a transformação geral de uma tendência histórica produzirá consequências imprevisíveis, somente apreensíveis pela observação de sociedades que passaram por processos semelhantes; 4º) um novo modelo de sociedade não pode ser programado a priori em uma dimensão teórica, deve ser construído no plano real; 5º) a escolha da forma de sociedade não é um produto de escolha racional humana, mas é resultado de um processo de evolução social.

Dentre os cinco princípios levantados por Kaczynski, somente o primeiro aponta para a oposição entre reforma e revolução; os demais são claramente dirigidos para a revolução, e mesmo assim, quando a reforma é novamente apresentada, ele o faz somente para delinear seus limites, seu alcance restrito, de pouco fôlego, isto é, a reforma apenas acelera o ritmo da mudança que já está acontecendo, ou que é inevitável, “que cedo ou tarde ocorrerá” (Ibidem: § 108). Assim, em Kaczynski, o agonismo imanente não está entre reforma ou revolução, mas entre sistema tecnológico e liberdade. As reformas para garantir a liberdade face ao ritmo progressivo avassalador da tecnologia seriam vistas como tentativas de frear “a tendência fundamental no desenvolvimento de nossa sociedade” (Ibidem: § 111, p. 33). As mudanças implicam, no sentido contrário da corrente da história, na aparição de um conjunto de pessoas capazes de realizar ações de alcance imprevisível, por sua radicalidade contra o sistema, isto é, pessoas que se voltam não para a reforma, mas para a revolução.

Para Kazynski, as modificações revolucionárias são mais fáceis de realização do que medidas reformistas, pois em vez de proporem uma mudança particular, a resolução de um problema social específico, propõem a transformação de toda a anatomia da sociedade. A perspectiva de criação

de um novo mundo, da resolução de todos os problemas com um só golpe, cria um fervor revolucionário e um comprometimento das massas, que se imbuem do mesmo sentimento de uma minoria de revolucionários (Ibidem: § 141 e § 142: p. 44). Kaczynsky adota como referências históricas de experiências revolucionárias para o movimento que pretende forjar a Revolução Francesa de 1789 e a Revolução Russa de 1917. Não obstante, dando continuidade ao seu processo de diferenciação em relação às forças de esquerda, marxistas e contemporâneas, empreende a crítica, respectivamente, de Robespierre e os jacobinos na Revolução Francesa, e de Lenin e dos bolcheviques na Revolução Russa (ou de traições como a de Castro em Cuba ou dos comunistas na Espanha em 1938 (Ibidem: §217, p. 69]), quanto ao aspecto negativo do mundo que eles criaram. Porém, segundo Kaczynski, se estes revolucionários não foram felizes em construir uma nova ordem social, foram extremamente bem sucedidos em destruir a antiga, perspectiva revolucionária da qual Kaczynski compartilha: “Não temos ilusões acerca da facilidade de criar uma nova forma de sociedade ideal. Nossa finalidade é apenas destruir a forma existente” (Ibidem; § 182, p. 59).

Kaczynski vislumbra o início de um ‘novo período de grave tensão’ (Ibidem: § 150, p. 47) na sociedade industrial, e vê como principais tarefas para os revolucionários atuar no sentido de ampliar a tensão social e proclamar uma ideologia que se oponha à tecnologia e ao sistema industrial, levando-o ao colapso (Ibidem: § 166, p. 53) e assegurando, após o processo insurrecional, que este não ressurja dos escombros.

O tipo de revolução almejado por Kaczynski não é uma revolução política mas, uma revolução contra a tecnologia e a economia (Ibidem: § 193 e § 194), o sistema tecnológico baseado em organizações. A força revolucionária, para Kaczynski, é constituída por “pessoas e pequenos grupos” (Ibidem: § 199, p. 64), porém, aspira à criação de um núcleo organizacional, um grupo “pequeno de gente profundamente

comprometida” (Ibidem: § 189, p. 61), que projete uma revolução internacionalista, favorecida por uma economia mundial que demanda a inter-relação entre as nações. Nesta perspectiva de criação de um núcleo organizacional de uma revolução contra a sociedade tecnológica, Kaczynski se apresenta em *A Sociedade Industrial e seu futuro* como representante de um grupo anarquista denominado FC (*Freedom Club*):

O anarquista também procura o poder, mas o procura em bases individuais ou de pequenos grupos; quer que estes sejam capazes de controlar as circunstâncias de suas próprias vidas. Opõe-se à tecnologia porque ela faz que pequenos grupos dependam de grandes organizações. Esta declaração se refere a um determinado tipo de anarquismo. Uma ampla variedade de atitudes sociais foram respostas ‘anarquistas’, talvez muitos que se consideram anarquistas não aceitem esta declaração. Convém ressaltar, por outra parte, que há um movimento anarquista não violento cujos membros provavelmente não aceitem a FC como anarquista e seguramente não aprovarão nossos métodos violentos (Ibidem: § 215, p. 68).

Kaczynski/*Unabomber* provocou e provoca controvérsias na sociedade em seu sentido mais amplo, por reatualizar o terrorismo, desta vez redirecionado para a artéria mais sensível da sociedade de controle contemporânea, os Estados Unidos, que, assolados pelo medo, intensificam o acionamento de seus dispositivos de segurança em todas as direções e corpos; no entanto, por se definir como anarquista, Kaczynski se posicionou como alvo analítico na territorialidade do pensamento libertário.

De acordo com John Moore, em *Beyond the Fragments: A Reaction to Industrial Society and Its Future*, há duas “posições polares” que gravitam em torno do *Unabomber*: de um lado, a posição mais “branda” que rechaça o uso da violência, que predomina entre os analistas burgueses, mas que também encontra guarida no meio anarquista; de outro, a romantização do terrorista como revolucionário, rebelde ou herói proscrito. Moore considera as duas posições equivocadas, a primeira por ser uma espécie

de “encenação” da burguesia que repudia o terrorismo contemporâneo mas o exalta quando se inscreve em sua própria história de ascensão ao poder “em outras épocas e outros lugares” (Moore, 1998: 3); a segunda se coloca como mais “problemática” para Moore, pois envolve todas as forças que resistem à configuração atual do mundo e sentem “a necessidade urgente de um assalto direto sobre o sistema industrial” (Idem: 3), ainda que não compartilhem da mesma “estratégia” do *Unabomber*:

Diante deste quadro analítico insuficiente, Moore se propõe a analisar *Industrial Society and Its Future*, o “Manifesto *Unabomber*”, mas de antemão adota a posição de “apoio crítico” ao *Freedom Club* e *Unabomber*, inspirando-se na postura de Emma Goldman em relação a León Czolgosz, trabalhador de origem polonesa que assassinou o presidente estadunidense William McKinley em 1901. Emma Goldman recusou-se a condenar Czolgosz, mesmo suspeitando de suas motivações – fortes suspeitas no meio anarquista de se tratar de um agente infiltrado – e de não concordar com sua ação; foi presa por duas semanas, sob a acusação de ser “mentora intelectual” e cúmplice no atentado e, mesmo assim, manteve-se solidária a ele na imprensa anarquista (Goldman, s/d) durante seu tempo de cárcere, até o momento de sua execução.

A impressão geral de Moore sobre o “Manifesto *Unabomber*” expressa, ao mesmo tempo, sua posição sobre a “estratégia revolucionária” de Kaczynski e do *Freedom Club*; não sente “nem repugnância, horror ou ultraje, mas decepção”, pois considera que o FC, a personagem e a estratégia de ação “falharam miseravelmente” na realização de uma crítica contundente e na apresentação de uma alternativa radical, em nível nacional e internacional, à sociedade tecnológica.

Moore inicia sua crítica à “estratégia revolucionária” do FC/*Unabomber* com o parágrafo 166, onde encontram-se definidas as duas principais tarefas dos revolucionários: aprofundamento da tensão social e desenvolvimento e propagação de uma ideologia que se contraponha

ao sistema industrial. Na dimensão do aprofundamento da tensão social, reconhece a materialização desta estratégia nos atentados com cartas-bomba promovidos pelo FC/*Unabomber*, porém, longe de considerar uma intensificação do agonismo contra a sociedade tecnológica, reconhece nelas práticas que correm não contra, mas ao lado do poder:

O problema com tal noção é que o capital em tal estado de crise perpétua se alimenta da tensão social, e o poder a usa como um meio de reforçar seus controles, particularmente na era atual, onde reestruturações socioeconômicas diárias inauguram uma nova forma de gestão democrática autoritária (Moore, 1998: 4).

A segunda dimensão da estratégia revolucionária que o *Freedom Club/Unabomber* intentam construir, como referência de reorganização da sociedade que se contraponha de maneira positiva ao sistema tecnológico enquanto real negativo, é a natureza selvagem, incluída aí a natureza humana, anterior a sua modulação pelo mundo social e seu padrão civilizacional. A natureza selvagem é mobilizada como dispositivo propagandístico de retorno a uma ordem natural que é “produto da casualidade, ou do livre arbítrio, ou Deus (dependendo das opiniões religiosas ou filosóficas)” (Kaczynski, 1995: §183, p. 59).

De acordo com Moore, a noção de “natureza” é uma construção recente na história do pensamento, e *Sociedade Industrial e seu futuro* persiste nos erros propagados por Rousseau e os ecologistas biocentristas de que há uma natureza humana original que antecede as sociedades, e que é possível resgatá-la. Com as reestruturações permanentes do “humano” pela civilização, torna-se tarefa impossível determinar o que seria o “comportamento natural do ser humano”. Por conseguinte, a opção por um estado selvagem só se tornaria possível como ato consciente ou metáfora suspeita, por se tratar de uma produção da civilização, e não algo que tenha se formado espontaneamente contra ela.

A construção discursiva em torno da noção “natureza” envolve a

elaboração de um pensamento, ou antes, de uma peça propagandista, dividida em dois níveis, um mais denso e sofisticado, dirigida para uma minoria, que se constituirá no núcleo organizacional das forças revolucionárias, e outro simplificado, que permita à massa, “à maioria pouco pensante ver o conflito da tecnologia contra a natureza em termos que não sejam ambíguos” (Idem: § 188, p. 60).

Moore reconhece, acertadamente, em *A Sociedade Industrial e seu futuro*, a divisão hierárquica entre minoria intelectual e massa não pensante, a mesma base organizacional do socialismo autoritário dos séculos XIX e XX: a teoria do “partido de vanguarda revolucionário”. O autoritarismo e a monomania que caracterizavam a esquerda marxista ortodoxa em torno das ideias de centralismo democrático, política orientada para um único propósito – a revolução socialista –, se reproduzem com pequenas variações, como ausência de um sujeito histórico agente da revolução – como o proletariado em tempos idos – e recusa em reconhecer a multiplicidade de forças que modulam as resistências no mundo contemporâneo:

Enquanto o sistema industrial não estiver despedaçado, sua destruição deve ser a ÚNICA meta revolucionária. Outras finalidades distrairiam a atenção e a energia da meta principal. Mais importante, se os revolucionários se dão ao luxo de ter qualquer outra finalidade, se verão tentados a usar a tecnologia como uma ferramenta para atingir essa outra finalidade. Se cederem a essa tentação, cairão diretamente na armadilha tecnológica, porque a tecnologia moderna é um sistema unificado e estreitamente organizado, de forma que a conservação de ALGUMA tecnologia obrigará a conservar A MAIOR PARTE da tecnologia. É tudo ou nada (Idem: §200, p. 64).

Desde o início de seu libelo, Kaczynski já demonstra que sua matriz de pensamento não é a dos ácratas, mas das revoluções políticas europeias que levaram à apropriação do Estado: a Revolução Francesa de 1789 e a Revolução Russa de 1917. No entanto, certa margem de dúvidas pode ser levantada quando afirma que “sua finalidade não é criar uma

nova ordem, mas, destruir a existente”, enunciado que alimentou muitas ações tempestuosas, de niilistas e Bakunin no século XIX ao Sex Pistols na década de 1970; acresce-se a crítica aos mundos criados por Lenin, Castro e comunistas, e o comentário sobre a guerra civil espanhola, referência histórica fundamental para o anarquismo.

Não obstante a afirmação de que sua perspectiva de revolução não ser política, a ideia de constituição de um agrupamento revolucionário, dividido em dois níveis de formação, um minoritário de intelectuais e outro mais amplo de pessoas “não pensantes”, já delineia o perfil aproximado de um “partido de vanguarda revolucionária”, ou mesmo de um plataformismo próximo ao makhnovismo anarquista. Do mesmo modo, sua perspectiva de solapar a sociedade tecnológica a partir de uma ação internacionalista, e sua perspectiva de controle para que a sociedade tecnológica não se refaça, repercute a manutenção deste grupo em um momento pós-revolucionário, e a reconstrução da maior das organizações da sociedade capitalista: o Estado.

A obsessão de Kaczynski por um movimento de uma única causa, a destruição da sociedade tecnológica, desconsiderando todas as causas específicas, o coloca no mesmo campo do “esquerdista clássico”, ao qual a única causa que lhe interessava era a “revolução proletária”, e, por extensão, debilitava a heterogeneidade das potências que resistem no mundo contemporâneo: os rebentos de maio de 68.

Theodore Kaczynski, o *Unabomber*, deste modo, parece estar desconectado, ou mesmo ser incompatível com o pensamento libertário livre de organização.

Nossa sociedade tende a considerar como «doença» qualquer forma de pensamento ou comportamento inconveniente, e isto é plausível porque aquele que não se ajusta ao sistema, sofre e causa problemas ao sistema. Desta maneira, manipular um

indivíduo para ajustá-lo é visto como «cura» de uma «doença», portanto, coisa boa (Theodor Kaczynski/*Unabomber*).

Kaczynsky na “Roda da Fortuna” do “Saber Psiquiátrico” e do “Poder Jurídico”

Após sua captura em 4 de março de 1996, Theodor Kaczynski se vê encerrado em duas malhas de controle e sujeição, que se complementam na produção do discurso e na construção do regime punitivo: o poder jurídico e o saber psiquiátrico.

Em 9 de janeiro de 1997, o juiz Garland D. Burrell do Tribunal do Distrito do leste da Califórnia expediu uma ordem para que fosse realizado um exame e elaborado um laudo psiquiátrico para determinar se Theodor J. Kaczynski, o *Unabomber*, possuía “capacidade mental para ser julgado”. O juiz Burrell convocou a Dr^a Sally Johson, que em seguida deslocou-se para o Presídio de Sacramento – onde Kaczynski se encontrava confinado – com suas tarefas bem definidas:

O exame deverá incluir: o histórico do réu e síndromes presentes; uma descrição dos testes empregados e os resultados; as conclusões do examinador quanto ao diagnóstico, e se o réu sofre de doença mental ou deficiência que o tornem mentalmente incompetente para acompanhar, ou incapaz de compreender a natureza e consequências do processo contra ele, ou para assistir adequadamente em sua própria defesa (Johnson, 1998).

Simultaneamente, Burrell compôs a equipe da Defensoria Pública para representar Kaczynski, formada pelos advogados Quinn Denvir, Judy Clarke e Gary Soward; bem como a promotoria, representando o governo dos Estados Unidos, formada pelos promotores Robert J. Cleary, Stephen P. Freccero, R. Steven Lapham, Bernard F. Hubley e J. Douglas Wilson.

O laudo da Dr^a Sally Johnson é uma narrativa que flerta com o surreal, nem tanto pelo conflito entre Kaczynski com sua família – o irmão David e a mãe, Wanda Kaczynski –, intensamente explorado

pela mídia, ou a insistência da avaliadora em caracterizar o desejo do analisado como patológico que, em um determinado período de sua vida, pensou em realizar uma operação de troca de sexo, mas pela forma inesperada do cruzamento do poder jurídico e do saber psiquiátrico diante de Kaczynski, exigindo-lhe a formação de uma estratégia solitária de resistência. O normativo não se realiza de imediato, isto é, o enfrentamento ao enunciado discursivo da promotoria, ou sua estratégia de modular a subjetividade da analista e, por extensão, a escrita do laudo a partir de um contra discurso; a guerra é travada contra “fogo amigo”, é deflagrada, diante do olhar incrédulo do juiz, contra seu próprio *staff* de advogados.

Em novembro de 1997, em audiência com o juiz Burrell, Kaczynski requisitou a assessoria de uma fonte externa para a resolução de conflitos internos com seus advogados. O estopim se deu com a afirmação de sua advogada Judy Clarke de que ele, Kaczynski, era louco, insistindo em representá-lo como tal. Kaczynski desde o início recusou ser caracterizado como doente mental, porém, sem seu consentimento, seus advogados assim o apresentaram a partir do artigo 12.2 (b) do código penal estadunidense, que define a linha de defesa baseada na insanidade acompanhada de requisição de exame mental. Com a retirada da defesa baseada no artigo 12.2, Kaczynski considerava obter uma “vitória simbólica”, porém, os ânimos não se arrefeceram, pois os advogados mudaram de estratégia e mantiveram a loucura como mote central de defesa, com a mobilização de testemunhos de pessoas leigas para evidenciar a presença da doença mental. Após requisitar a substituição de Clarke por Tony Serra, Kaczynski recuou e a manteve na equipe; porém, em 7 de janeiro de 1998 ocorreu uma nova reviravolta no processo, com a tentativa de suicídio de Kaczynski, asfixiando-se com um torniquete feito com suas roupas íntimas.

Em 8 de janeiro, Kaczynski por meio de sua advogada Judy Clarke,

apresentou o pedido para se autorrepresentar, e o Tribunal determinou a formação de uma comissão de psicólogos para avaliar se ele tinha competência para tal. Nesta ocasião, entre 12 e 16 de janeiro de 1998, Sally Johnson realizou as entrevistas com Kaczynski que resultaram no laudo psiquiátrico requisitado pelo juiz Burrell. A tentativa de suicídio, por sua ocorrência recente, foi o tema inaugural da conversação, e Kaczynski informou não pretender realizar nova tentativa; negou que tivesse tentado em decorrência de um estado depressivo, recusou-se a prosseguir a discussão sobre o acontecimento com a psicóloga, mas o retomou diante do juiz Burrell.

De acordo com Kaczynski, sua tentativa de suicídio decorreu do conflito com seus advogados, sentindo-se frustrado e deprimido com a progressão de seu julgamento não vendo possibilidades reais de representar-se ou conseguir outro advogado, “decidiu se matar ao invés de prosseguir em um julgamento com uma estratégia de defesa que ele não deseja” (Idem).

Kaczynski, neste momento, se vê sob o “fogo cruzado” de uma luta jurídica com seus próprios advogados – que redundou em um estudo aprofundado sobre as duas escolas de reflexão jurídica sobre a representação legal, a que afirma que ao defensor se exige que defenda o mais proveitoso ao cliente, mesmo que envolva a rejeição de seus desejos, versus a que defende que ao advogado se exige que represente o interesse manifesto de seu cliente. Simultaneamente, se prepara para suas entrevistas com Sally Johnson, analisando pareceres e diagnósticos anteriores com avaliações negativas, para desacreditá-los e influenciá-la na redação do laudo psiquiátrico, de forma a caracterizá-lo como portador de sanidade mental.

Em sua primeira entrevista com Johnson ele demarca sua territorialidade afirmando que para a ciência não existe “este negócio de sondar sobre o funcionamento da mente humana”, mas concordou em realizar

alguns testes neuropsicológicos por acreditar que assim poderia provar que “não estava mentalmente doente”. Kaczynski começa a colocar em movimento sua estratégia de desconstrução do saber psiquiátrico. Segundo Sally Johnson, com sua “inteligência e familiaridade com o processo de avaliação de saúde mental”, ele se detém em algumas questões para elaborar uma resposta oposta às que levaram a caracterizá-lo como “doente mental” em pareceres anteriores. Em outros termos, Kaczynski procura desacreditar relatórios psiquiátricos precedentes, afirmando que os especialistas não foram precisos em suas análises, pois manipulavam a produção de respostas que corroborassem a existência de um “sintoma patológico”. Os mesmos argumentos usados com Johnson foram apresentados em audiência com o juiz Burrell, quando Kaczynski afirmara que não estava questionando os resultados dos diagnósticos, mas “procedimentos mal aplicados nas entrevistas (Ibidem).

Para Kaczynski, com o fito de ganhar a causa e obter uma pena mínima, seus advogados foram peremptórios na intenção de construção da defesa em torno da ideia de “doença mental” – o que ele até admitiria se visse pelo menos 80% de chances de sucesso, isto é, de definição de uma sentença segundo a qual fosse posto em liberdade “em um curto período de tempo (cinco anos)”. Como tal perspectiva era improvável, e ainda que não tivesse pretensão de tentar novamente se suicidar, preferia a pena de morte que prisão perpétua, caso fosse caracterizado como louco e enviado para extinguir sua vida em uma prisão manicômio (Ibidem) e assim sendo, rejeitou em definitivo sua defesa baseada no artigo 12.2 (b), que o definia como doente mental.

Após expor diante do juiz sua compreensão sobre o papel dos vários atores em um julgamento – defesa e promotoria –, sua capacidade de exposição para o júri dos elementos apresentados como provas, e de situar caso decidisse não ir a julgamento o processo de negociação da pena (*Plea Bargaining*), Kaczynski foi inquirido sobre como gostaria

de ser apresentado diante do júri, caso fosse a julgamento, ao que respondeu, depois de um breve silêncio:

Ele queria apresentar-se como um ser racional, uma pessoa com pontos de vistas válidos para apresentar; uma pessoa decente que se sentia encurralada; como alguém socialmente vulnerável, de um certo modo, uma vítima pessoal do sistema, um indivíduo colocado ‘contra a parede’; uma pessoa que viveu uma bela forma de vida na floresta, cujo transtorno psiquiátrico pode servir como um fator atenuante (Ibidem).

A despeito da habilidade de Kaczynski, mesmo no dia seguinte a uma tentativa de suicídio, sua estratégia não teve o final desejável. O diagnóstico da Dr^a Sally Johnson definiu que Theodore J. Kaczynski era portador de Esquizofrenia, Tipo Paranóide, com Sintomas Residuais Interepisódicos (pré-mórbido), nos termos do DSM-4:

Grupo A: Perturbações da Personalidade

F60.0 Perturbação Paranóide da Personalidade [301.0]

Características de Diagnóstico

A característica essencial da Perturbação Paranóide da Personalidade é um padrão de desconfiança e suspeição persistentes em relação aos outros com interpretação malévola das suas motivações. Este padrão começa no início da idade adulta e está presente numa variedade de contextos. As pessoas com esta perturbação assumem que os outros tirarão ‘partido’, magoarão ou os decepcionarão mesmo sem evidência ou suporte para esta expectativa (Critério A1). Suspeitam sem evidência ou com evidência mínima que os outros estão conluídos e que os podem atacar subitamente em qualquer altura e sem qualquer razão. Frequentemente, sentem que são profunda e irreversivelmente manipulados por outras pessoas, mesmo sem evidência objetiva. Estão preocupados com dúvidas injustificadas acerca da lealdade e confiança dos seus amigos e conhecidos, cujas ações são minuciosamente escrutinadas para descobrir intenções hostis (Critério A2). Qualquer pequeno desvio da confiança e lealdade serve como suporte das suas crenças subjacentes. Ficam tão espantados com demonstrações de lealdade dos amigos e conhecidos que não conseguem confiar e acreditar. Se tiverem problemas esperam dos amigos e conhecidos ainda mais problemas ou até que os ignorem (American Psychiatric

Association, 1994: 1031).

A Dr^a Sally Johnson associa religiosamente todos os comportamentos e situações vivenciadas ao longo da existência de Kaczynski com a cartilha sintomatológica do DSM-4 como pensamento delirante – o controle pela sociedade tecnológica –, disfunção sexual – dificuldade de relação amorosa com mulheres –, delírio persecutório – perseguição e difamação pelo irmão e a mãe –, “transtorno de personalidade pré-mórbido evitativo e antissocial” – desenvolvimento histórico, em particular, na adolescência e vida adulta –, sentimentos intensos de desconfiança e desejo de vingança. Encerra seu laudo técnico de um modo emblemático, dando-nos uma amostra da tessitura que urde saber psiquiátrico e poder jurídico na trama do regime punitivo, “batendo o martelo” antes de seu par, o juiz Burrell Jr:

Ele vai continuar sob o risco de escolher o suicídio como uma opção em todo o restante do processo judicial (...). Ele deve ser condenado e preso, o seu risco de suicídio é, com toda a probabilidade, um problema crônico (Johnson, 1998).

Ao final, Kaczynski se dá por rendido, desiste de se representar, mantém seus advogados e renuncia ao seu direito constitucional de um julgamento, sucumbindo ao *Plea Bargaining*, o processo de negociação do promotor com o réu, no qual a perspectiva de redução da pena, ou receio de punições mais severas, faz com que 90% dos réus se declarem culpados nos Estados Unidos (Christie, 1998: 144). Kaczynski não escapou desta cifra do espetáculo de confissão e punição, da ordem jurídica de um Estado carcerário:

O TRIBUNAL: Os crimes dos quais o Sr. está apresentando a confissão de culpa são crimes dolosos. Se a sua petição for aceita, o Sr. será julgado culpado desses crimes, e esta sentença pode privá-lo de direitos civis valiosos tais como o direito de votar, o direito ao exercício de cargos públicos, o direito de fazer parte de um júri, e o direito de possuir qualquer tipo de arma

de fogo. O Sr. está consciente dos valiosos direitos civis que estará cedendo, se seguir adiante com sua intenção e declarar-se culpado?

O RÉU: Sim, Excelência.

(...)

O TRIBUNAL: O Sr. compreende que a liberdade condicional será suprimida e que se o Sr. confessar a culpa, o Senhor passará o resto de sua vida na prisão, e jamais será libertado ou terá liberdade condicional?

O RÉU: Eu compreendo isto, Vossa Excelência (Arnold, 1998).

Prisão

Esta apresentação será, também uma homenagem a Theodore Kaczynski, louco de lucidez, enterrado vivo em uma prisão high tech dos Estados Unidos da América (René Riesel).

Preso, cumprindo pena de prisão perpétua na Administrative Maximum Facility – ADX – em Florence, Estado do Colorado, também conhecida no meio criminal como a “Alcatraz das Rochosas”, no regime prisional estadunidense de segurança máxima (SuperMax), Kaczynski concedeu uma entrevista em julho de 1999 à revista *Earth First Journal*. Declara que mudou-se para Lincoln, Montana, em 1971, onde construiu uma cabana em uma região selvagem, concentrando-se nos primeiros anos em obter habilidades primitivas tais como identificar plantas comestíveis silvestres, observar os comportamentos animais, reproduzir técnicas primitivas de caça. No entanto, seu interesse pela natureza selvagem remonta à infância. Tinha onze anos quando começou a frequentar a biblioteca de Evergreen Park, Illinois, na qual consultara uma série de livros de diversas áreas científicas publicadas pelo Instituto Smithsonian. A partir daí, dedicou-se à leitura de livros de antropologia sobre a “pré-história do gênero humano”, o homem de Neanderthal, os povos primitivos: “eu cheguei a conclusão de que o que eu realmente queria, não era ler outro livro, mas que eu só queria viver dessa forma” (in *Earth First*

Journal, 1999).

Nos anos setenta e oitenta, além de obras científicas, voltou-se para livros que empreendem uma crítica à sociedade tecnológica a partir de um ecologismo radical – como *The Monkey Wrench Gang* de Edward Abbey, e o livro decisivo para formar sua visão de mundo, *The Technological Society*, de Jaques Ellul.

Após falar longamente sobre sua vida na cabana de Lincoln, Kaczynski externa sua indignação em relação aos seus advogados que à sua revelia, estabeleceram como estratégia de defesa caracterizá-lo como “doente mental” por ter optado por uma vida simples e natural em vez de permanecer como professor universitário nesta sociedade tecnológica. Destarte, é quando a sociedade industrial tecnológica se faz força de expansão e dominação de seu espaço heterotópico que Kaczynski decide incursionar como força de resistência:

Honestamente, a verdade é que eu não sou realmente politicamente engajado. Eu só queria realmente viver na floresta. Se ninguém tivesse começado a abrir estradas por lá, derrubar as árvores, ficar circulando com helicópteros e *snowmobiles*, eu ainda estaria vivendo lá e o resto do mundo poderia estar cuidando de si. Envolvi-me em questões políticas porque fui levado a isto, por assim dizer. Realmente, não sou muito inclinado a estas questões (in *Earth First Journal*, 1999).

Esta experiência de criação de uma heterotopia primitivista, que Kaczynski reconhece como possibilidade nas sociedades pré-industriais, inclusive na sociedade americana do século XIX, não era mais um “possível”. Se Kaczynski foi considerado “doente mental” por seus advogados, David Henry Thoreau, no século XIX, ao levar adiante projeto semelhante, provocou estranhamento entre seus concidadãos, que o classificaram como “impertinente”, ao negar a civilização e o progresso, em um momento de otimismo sobre o futuro.

Após vivenciar uma experiência prisional (Thoreau, 2001: 10-13.)

por se recusar a pagar impostos, estratégia política de resistência contra a guerra imperialista do governo estadunidense ao México e de fazer real sua perspectiva abolicionista de erradicação da escravidão, Thoreau, aos 27 anos, retirou-se da sociedade tecnológica e se estabeleceu na região do Lago Walden, onde construiu uma cabana em terras do amigo, poeta e filósofo Ralph Waldo Emerson. Pretendeu mostrar que a existência solidificada em relações simples com a natureza traria de volta a verdadeira essência da vida – reduzida aos seus “elementos mais primários” (Idem: 39.) –, perdido nas entranhas dos costumes civilizacionais:

Os homens julgam essencial que a Nação tenha comércio, exporte gelo, fale por meio de telégrafo, e ande a quarenta e oito quilômetros por hora, sem se perguntarem se tudo isso convém ou não; entretanto não se sabe ao certo se deveríamos viver como babuínos ou como homens. Se não arranjarmos os dormentes, nem forjarmos os trilhos, nem devotarmos dias e noites ao trabalho, mas se formos em vez disso remendar nossa vida com o fito de melhorá-la, quem construirá as estradas de ferro? E se as ferrovias não forem construídas, como chegaremos a tempo no céu? Por outro lado, se permaneceremos em casa às voltas com nossas atividades, quem precisará de ferrovias? Não andamos sobre a estrada de ferro, ela é que anda sobre nós. Já pensastes algum dia o que são os dormentes que sustentam a via férrea? Cada um representa um homem, um irlandês ou um ianque. Os trilhos assentam-se em cima deles, cobertos de areia, e por aí correm os trens suavemente. São dormentes fortes, asseguro-vos. E de anos em anos novo lote é colocado para que se corra em cima; de tal modo que se alguns gozam o prazer de viajar de trem, outros suportam o infortúnio de aguentá-lo no lombo. E quando os trens atropelam um homem sonâmbulo, um dormente extranumerário na posição errada, e acordam-no, subitamente os vagões param e ouve-se um clamor público, como se tratasse de algo extraordinário. Folgo em saber que há uma turma de operários a cada oito quilômetros a fim de manterem os dormentes deitados e ao nível de seus leitos, pois isso é sinal de que a qualquer momento estes podem se levantar de novo (Thoreau, 2007: 39-40).

Thoreau ficou impressionado com a locomotiva, e não lhe poupa de adjetivos e epítetos que a lançam na corrente do tempo sem medida cronológica: “flecha ferroviária”, “cometa em movimento planetário”, “semideus viajor”, “cavalo de ferro”, “farpa de lança de um cortejo celeste”, “propulsor de nuvens”, e seu preferido, *Átropos*, que dá a medida de que seu deslumbre não implicava ausência de um olhar crítico (Thoreau, 2007: 50-51.).

Do mesmo modo, impressiona-lhe o impulso dado pela tecnologia ao comércio; tornou-se realidade corrente em Concord, Massachusetts, a partir da estrada de ferro de Fichburg, trazendo a circulação de mercadorias de todo o mundo, levando-lhe a se sentir um “cidadão do mundo” (Idem: 52). No entanto, Thoreau não compartilha do projeto liberal que se acirra neste movimento frenético e que traz, a 500 quilômetros de sua choupana, ricos e “esplêndidos artigos de estamparias inglesas, francesas e americanas, riscadinhos, musselinas e outros mais, arrebanhados de todos os bairros da moda e da pobreza (Ibidem; 52). Na esteira do capitalismo industrial, Thoreau vê com pesar a disseminação de coisas e, simultaneamente, a dissolução de seres que vai desde o cachorro que acompanha os rebanhos vindos de todas as partes dos Estados Unidos, agora, sem emprego como os seus donos, até a reação ludista do mundo camponês:

Ó do campo, eis aqui vossos artigos de mercearia! Chegou o rancho, povo do campo! E não há homem algum tão independente na própria fazenda que possa dizer não a eles. E eis aqui o pagamento por esses artigos! grita o assobio do camponês; toras de madeira longas como aríetes indo a trinta e dois quilômetros por hora contra as muralhas da cidade, e cadeiras suficientes para acomodar todos os que aí se hospedam exaustos e sobrecarregados”. Com tamanha cortesia de madeiras, o campo oferece uma cadeira à cidade. Todas as colinas cobertas de

mirtilo³ indígena são desnudadas, todos os prados de vacínios⁴ são revolvidos para a cidade. Sobe o algodão rumo ao Norte, desce o tecido rumo ao Sul; sobe a seda, descem os artigos de lã; sobem os livros, mas desce o espírito que os escreve (Ibidem: 50).

David Henry Thoreau e Theodore Kaczynski, separados por um século e alguns anos, realizam o mesmo projeto de rejeição da sociedade industrial – ou antes, do capitalismo configurado de modo diferente, mas que carrega a mesma lógica –; projetam-se como forças virtuais, extemporâneas para a constituição de outros devires, em uma era prenhe de vontade de impossíveis.

Unabomber/Recycler n’O Caminho de Ida.

Theodore Kaczynski, encerrado na prisão de Montana, tornou-se uma força etérea, imaterial a partir da criação literária, com a escrita do argentino Ricardo Piglia em *O Caminho de Ida*. A história se passa na década de 1990, quando o professor Emilio Renzi é convidado para lecionar na universidade de Nova Jersey nos Estados Unidos, pela chefe do departamento de “Cultura moderna e estudos sobre cinema”, Ida Brown, para dar um seminário sobre os anos argentinos de residência do ornitólogo W. H. Hudson.

Na atmosfera de um mundo que, de acordo com Piglia, se põe voluntariamente à margem do mundo exterior, produzem-se relações de tensão e de secretismo que se alimentam de uma violência subterrânea do “homem educado”, mas, também, da própria cultura estadunidense. O estrangeiro Renzi se introduz neste mundo vivenciando, no entanto, um

³ “O **mirtilo**, também conhecido como *arando* ou *blueberry*, é um arbusto que pertence à família das Ericáceas, que é a mesma da azaléa, da urze e de dezenas de outras espécies. Vive em regiões onde o inverno é rigoroso e no Brasil só é cultivado no Rio Grande do Sul e Santa Catarina” (<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/mirtilo/1714/>).

⁴ “Planta (*Vaccinium corymbosum*) nativa do leste dos E.U.A., muito cultivada em toda a América do Norte, na Europa ocidental e central por seus frutos azulados, consumidos esp. em tortas, geleias e sucos” (<http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=vac%25C3%25ADnio>).

secretismo mais ameno, seu relacionamento amoroso com Ida Brown. O romance ganha um andamento intenso e a forma de *thriller* policial com a morte de Ida em circunstâncias suspeitas, isto é, por conta da detonação de uma bomba. A morte de Ida passa a ser relacionada com uma série de assassinatos cometidos contra acadêmicos e cientistas, e neste contexto Piglia compõe uma obra que articula história e ficção, personagens saídos de sua imaginação com pessoas e acontecimentos reais, em particular. Theodore J. Kaczynski, o *Unabomber*, aparece no livro como *Mr. Recycler*, acrônimo dado pelo FBI, pelo fato das bombas serem confeccionadas a partir de lixo industrial reaproveitado.

Emílio Renzi, o personagem central da trama, é considerado por muitos críticos literários como o alter-ego de Ricardo Piglia, e está presente desde seu primeiro livro, *La Invasión*, de 1967, tornando-se uma figura recorrente em contos como *Tierna es la noche*, 1967; *El fin del viaje*, 1994; *La loca y el relato del crimen*, 1994, e em outras obras: *Respiración artificial*, 1980; *La ciudad ausente*, 1992; e *Plata Quemada*, 1997.

Em *O Caminho de Ida* assiste-se a analítica do tema da violência, no caso, da sociedade estadunidense, a partir da interlocução criativa entre Renzi e sua vizinha russa, a professora imigrada Nina Andropova, erudita e especialista em Leon Tolstói, que irá estabelecer uma conexão entre *Mr. Recycler* e o niilismo russo do século XIX. Em suas investigações, Nina Andropova, andarilha por estes platôs, depara-se com todas as forças de desestabilização da ordem social burguesa, não só Tolstói, mas niilistas ativos como Vera Zasluch, a *Narodnaya Volia* e Serguei Nietchaiev (Piglia, 2014: 126) que intentam, em grande medida, destruir o Czarismo na Rússia.

Em *O Caminho de Ida* é Emilio Renzo quem constrói as melhores analíticas sobre a cultura estadunidense, a ausência de movimentos coletivos de resistência, a saída individual na era neoliberal contemporânea

de “reengenharia social”, redução de custos e desemprego estrutural, onde a reação frequente é o desespero que leva à composição do *serial killer*. Se a analítica é bastante razoável considerando a implosão da cultura do *self-made man* ou da ideia de “capital humano” nas últimas décadas, para se pensar na figura do *serial killer*, o mesmo não pode ser afirmado em relação ao *Unabomber/Mr. Recycler*. Associá-lo ao termo *serial killer* é refazer o mesmo percurso que o saber psiquiátrico e o poder jurídico realizaram de desqualificar o manifesto *Sociedade Industrial e seu Futuro* – e, por extensão, desqualificar o pensamento anarquista associando-o à loucura.

No entanto, a analítica mais contundente e que esvazia a enunciação do poder psiquiátrico sobre *Mr. Recycler/Kaczynski*, restituindo-lhe seu sentido político, é construída por Nina Andropova. De acordo com Nina, *Recycler* não demandava, como na tradição socialista, “um mundo melhor”, mas, do mesmo modo que Tolstói, se filiava a uma tradição anarquista, que pleiteia uma “vida boa” (Piglia, 2014: 136). *Recycler/Kaczynski* representaria a continuidade de toda uma série, que incluiria desde Thoreau, *narodniks* e o próprio Tolstói, até o contemporâneo como a *beat generation* e os *hippies*⁵. Na perspectiva de *Recycler/*

⁵ Em entrevista recente à revista *Letras Libres*, Ricardo Piglia penetra em seu romance para juntar-se aos seus personagens em potência de criação, vinculando *Recycler/Unabomber* ao movimento luddista e ao *banditismo social* dos gaúchos e bandidos rurais argentinos no século XIX: “*Letra Libre* — Uma analogia chama muita atenção no romance, o do terrorista individual ao qual seu ideário anarquista o coloca fora da lei, exatamente como os gaúchos argentinos do século XIX e os bandidos rurais de décadas posteriores. Se trata de uma comparação deliberada? Neste caso, o que nos diz da vida selvagem (ou pretensamente selvagem) como refúgio do capitalismo? *Ricardo Piglia* — Está bem, não me havia ocorrido essa relação, assim, não foi deliberada. Desde então, o deserto foi, na literatura Argentina do século XIX, um refúgio para os que fugiam da justiça. No Pampa, o que estava mais além dos pequenos fortes, do outro lado da fronteira, nas *tolderias* dos índios, ‘terra adentro’, era um território mítico e libertário. Ali vão se refugiar Cruz e Fierro, no poema de Hernandez, e a encruzilhada é um dos momentos mais intensos de nossa literatura. Vamos recordar esta passagem porque os versos são muito bonitos: ‘Cruz y Fierro de una estancia / una tropilla se arriaron; / por delante se la echaron / como criollos entendidos / y pronto sin ser sentidos / por la frontera cruzaron. /

Unabomber convergiram todas as sociedades sem Estado, a reatualização das pequenas comunidades rurais pré-capitalistas e a propriedade coletiva da terra.

De acordo com Nina – e aí reside sua analítica mais poderosa sobre *Mr. Recycler/Unabomber* –, em consonância com a “vontade de rebelião” de Thoreau, defende-se o direito à desobediência civil, porém, deslocando-se para o plano da resistência, com atentados terroristas para inscrever seu direito à *parresía*: “Mas o salto ao mal, a decisão de matar (ou o direito de matar?), estava ligado à vontade pessoal de se fazer ouvir. No limite, o terror garantia o acesso à palavra pública” (Piglia, 2014: 136).

Theodore Kaczynski e a série ontológica de procedência grega: o pensamento *parresiástico*.

Michel Foucault desenvolveu seus dois últimos cursos no *Collège de France* (“O Governo de si e dos outros” e “A coragem da verdade”), bem como suas célebres conferências proferidas na Universidade da Califórnia em Berkeley (1983), a partir da cultura de si (*epimeleia heautou*) e da forma de pensamento do mundo greco-latino denominada *parresía*.

Segundo Foucault (2001: 11), a noção de *parresía* surgiu nas peças de Eurípides (*As Fenícias Hipólito*, *As Bacantes*, *Electra*, *Ion* e *Orestes*) no século V a.C., e significa “fala franca”, o que implica por parte daquele que enuncia proferir a verdade. No entanto, outras condições são demandadas para que o enunciador de discursos seja considerado um *parresiasta*. Primeiro, envolve certa condição social, ser um homem livre em uma sociedade escravocrata, e ser originário da “terra”, autóctone

Y cuando la habían pasao / una madrugada clara / le dijo Cruz que mirara / las últimas poblaciones / y a Fierro dos lagrimones / le rodaron por la cara.’ É o final de *La Ida*: a liberdade e a perda estão unidas aí e isto tem persistido no imaginário da literatura. Há também algo disso na decisão de Ismael de perder-se no mar, em um barco baleeiro, no começo de *Moby Dick*” (Pron, 2013).

de Atenas, organizada sob a forma política que produziu a *parresía*: a “democracia”. Esta condição social de “homem livre” está associada ao direito de livre expressão, o direito à *parresía*, e está no cerne de *Ion* de Eurípides, que narra o jogo parresiástico do personagem que dá nome à peça, bem como de sua mãe Creusa, contra o silêncio, dissimulações e mentiras do deus, paradoxalmente, divindade responsável em proferir a verdade aos homens no Oráculo de Delfos: Apolo.

A *parresía* é para o parresiasta uma certa qualidade moral, para conhecer e transmitir a verdade. De forma oposta ao paradigma científico de René Descartes, a experiência da verdade não é produto de uma dúvida metódica, mental, que envolve a apresentação de uma prova ou evidência; a verdade é associada à própria *parresía* enquanto “atividade verbal” (Foucault, 2011: p. 14). Crença e verdade não são dois momentos de uma operação cognitiva, mas são, para o homem grego da antiguidade, ontologicamente similares, pois o que ele crê é a verdade, robustecida por um comportamento ético que permite-lhe transmiti-la na esfera pública.

O jogo parresiástico entre aquele que profere o discurso e o receptor constitui, de acordo com Foucault (Idem: p. 56), um “espaço de risco”, pois seu “dizer a verdade” não intenta convencer o ouvinte, mas afirmar outra demanda da *parresía*, a crítica que, por sua vez, coloca o parresiasta em uma condição de perigo, seja do banimento por parte de uma maioria reunida na *ágora*, na democracia, seja da morte diante de um tirano, ou mesmo de ser vendido como escravo, situação vivida por Platão diante do tirano Dionísio I, o velho, em Siracusa.

Como última demanda da *parresía*, o dizer a verdade é considerado um dever; diante do perigo, um orador pode se omitir, ou permanecer em silêncio, porém, não é considerado um parresiasta, pois liberdade e dever são expressões de conduta exigidas pela enunciação parresiástica.

Em Berkeley (1983) Foucault sumariza a *Parresia*, nos seguintes termos:

Para resumir o que precede, *parresía* é uma espécie de atividade verbal em que o orador tem uma relação específica com a verdade a partir da franqueza, certa relação com a sua própria vida em perigo, certo tipo de relação consigo ou outras pessoas pela crítica (autocrítica ou crítica de outras pessoas), e uma relação específica a respeito da lei moral através da liberdade e o dever. Mais precisamente, a *parresía* é uma atividade verbal em que um orador exprime sua relação pessoal com a verdade, e arrisca sua vida porque ele reconhece o falar a verdade como um dever de melhorar, ou ajudar outras pessoas (bem como a si mesmo). Na *parresía*, o orador utiliza sua liberdade e escolhe a franqueza ao invés da persuasão, a verdade ao invés da mentira ou o silêncio, o risco de morte ao invés de vida e segurança, a crítica ao invés da adulação, e dever moral em vez de interesse próprio e apatia moral (Foucault, 2001: 21).

A *Parresía* aflorou e se desenvolveu em Atenas em torno da democracia, do exercício político a partir da *ágora*, da ideia de *nómos*, ou sistematização das regras do jogo político pelas leis, por uma constituição. Neste aspecto, a ideia de *isonomia*, de que todos são iguais perante a lei, constituindo o formato do cidadão detentor de direitos, se complementa com a noção de *isegoria*, o direito de livre expressão, de fazer uso da palavra, enquanto homem livre e pertencente ao *dêmos*, em todas as esferas da vida da *pólis*: no âmbito da vida jurídica – tanto no sentido de acusação quanto exercício de defesa ou direito ao uso da palavra perante um tribunal –, direito de opinar e intervir nas tomadas de decisão e escolher seus governantes (Foucault, 2010: 140.). Todavia, a *isegoria* não se confunde com a *parresía*, que se coloca em um campo agonístico, de incursão em uma zona de risco que atrai ódios do povo, de quem governa a cidade, dos sábios, o que envolve a afirmação do parresiasta enquanto alguém que compartilha certa superioridade com os outros. De acordo com Foucault, de certo modo, a realização da *parresía* depende da *isegoria*, espaço criado em uma democracia para a livre expressão; porém, não se reduz ao “marco constitucional e institucional” (Idem, p.147) onde o discurso considerado

verdadeiro circula, mas produz debates, insatisfações e sinaliza práticas políticas efetivas, outras possibilidades de governo dos outros, que vão além dos limiares instituídos pela *isegoria*, pela ordem jurídica, por aqueles que exercem o poder.

No século V a.C., no contexto da Guerra do Peloponeso, a *parresía* sofreu um revés com a decadência das cidades organizadas sob a forma democracia, e a constituição das grandes monarquias helenísticas; observa-se seu deslocamento da *ágora* para a corte do rei, e a transformação do parresiasta de orador público em conselheiro do rei, de filósofo e, por assim dizer, publicista situado na exterioridade do poder, em entidade corpórea conformada à interioridade da soberania como conselheiro do rei ou pedagogo, formador da alma do príncipe.

Platão e os neoplatônicos irão desconstruir a *parresía* clássica enquanto forma que se realiza na *ágora*, na democracia; a questão tão decisiva no mundo grego se transformará em um problema essencialmente técnico, portanto, a formação da alma do príncipe e a constituição de cidadãos responsáveis e sujeitados a regimes de leis podem ser doravante aplicáveis a toda e qualquer forma de organização política, seja a democracia, a oligarquia ou a tirania. Mas a democracia é particularmente incômoda a Platão, que vê na intervenção do filósofo um ato cirúrgico, de cura de uma forma de organização da cidade obtida no calor das batalhas, no espírito selvagem da guerra, e que subsiste enquanto conflito permanente em tempos de paz; incomoda-lhe a liberdade em uma democracia, onde o cidadão pode falar e fazer o que aprouver, inviabilizando o governo da cidade, pois cada um é uma pequena ilha, uma unidade política autônoma, “um pequeno Estado por si mesmo” (Foucault, 2010: 182). Para Platão, na alma do homem democrático reina “a anarquia do desejo”, ausência de *logos alethes* (“discurso de verdade”); é a má *parresía* que introduz na vida política democrática um espiral de desejos incontroláveis que arrasta consigo toda a cidade. Platão aspira à cidade

ideal, na qual o poder do soberano se confunde com o saber do filósofo; saber e poder entrelaçados para domar a *parresía* em um sistema de lei forjado por um filósofo-rei, maestro dotado do “espírito do legislador”:

E é isso que fazem os filósofos: formular, articular o que se diz num Estado, de tal maneira que o que nele se diz seja efetivamente conforme ao que é, em sua natureza, o Estado. Somente um filósofo pode fazer isso, porque só ele sabe em que consiste a natureza de cada Estado (Foucault, 2010: 194-195).

Segundo Foucault (2010, p. 260), se Sócrates produziu um saber atrelado ao poder, Platão gerou seu contraponto, a exterioridade crítica da filosofia à política, de Diógenes e de sua escola de pensamento, ou antes, de filosofia como modo de vida: os cínicos.

Diógenes é o grande expoente da vertente do pensamento cínico. Sua existência filosófica em contraposição a Platão (Foucault, 2010: 265), sintetiza ou inaugura o dilema que flui sub-repticiamente pelo pensamento ocidental até nossos dias: a polaridade entre o saber que se entranha na órbita do poder para modelar a “alma do príncipe” e o modo de vida filosófico que se realiza na exterioridade do poder político, que define como *locus* da prática filosófica, do “dizer-a-verdade”, a praça pública.

O discurso cínico é aquele que se apresenta como individualidade agressiva que afronta o poder soberano, “fora de todas as convenções, e fora de todas as leis artificialmente impostas pela cidade (Idem: 260)”; em outros termos, o insulto e a denúncia demarcam a postura crítica do pensamento cínico, que não se formula para pedagogicamente moldar as ações do príncipe, não procura dizer *a verdade ao* poder político, não se confunde com a racionalidade política, mas visa substancialmente *dizer a verdade sobre* a política (Ibidem: 262).

Na última sessão de seu curso “O governo de si e dos outros (aulas de 9 de março de 1983), Foucault remete seus ouvintes à obra *Conversações* de Epitecto, em particular à conversação 22 do livro III,

onde o filósofo reflete sobre os cínicos e seu modo de vida insolente, repleto de diatribes, escândalos e intervenções sob a forma do espetáculo.

De acordo com a analítica de Epitecto exposta por Foucault, em sua intensidade apaixonada de viver, o cínico se desprende de todas as formas de conforto e de dispositivos de segurança para “preservar” a vida, e se mostra em toda sua nudez, às vezes literalmente, e se abriga única e exclusivamente em seu *aidós*, noção grega que define “reserva”. No entanto, não se trata do sentido dado por nossa cultura ocidental, de pudor e discrição, a contrapelo, trata-se de expor além dos limites do socialmente tolerável seu modo de vida como homem livre que nada teme, que afronta os poderosos, as regulações da cidade e, mesmo sendo um homem da urbe, afronta os padrões da vida civilizada em favor de uma vida simples e de cumplicidade total com a natureza:

Há, no entanto, muito pouco de doutrina positiva nas predicções cínicas: Nenhuma afirmação direta sobre o bem ou o mal. Em vez disso, os cínicos se referem à liberdade (*eleutheria*) e a auto-suficiência (*autarkeia*) como os critérios básicos para avaliar qualquer tipo de conduta ou modo de vida. Para os cínicos, a condição principal para a felicidade humana é *autarkeia*, auto-suficiência ou independência, onde o que você necessita para ter ou que decidir fazer, não dependa de nada, além de você mesmo. Como consequência – uma vez que os cínicos tinham as atitudes mais radicais – eles preferiam um estilo de vida completamente natural. Uma vida natural supunha eliminar todas as dependências introduzidas pela cultura, sociedade, civilização, crenças e assim por diante. Por conseguinte, a maioria de suas predicções parece ter sido dirigida contra instituições sociais, a arbitrariedade das regras do direito, e assim como a qualquer espécie de estilo de vida que fosse dependente dessas instituições ou leis. Em resumo, sua predicação era contra todas as instituições sociais que obstaculizavam a liberdade e a independência (Foucault, 2001: 120).

Considerações Finais

Theodore Kaczynski, projetado na mídia na década de 1990 como

o *Unabomber*, o terrorista mais procurado nos Estados Unidos antes dos atentados do World Trade Center em 11 de setembro de 2001, deslocou-se de seu espaço heterotópico na região de Lincoln, Montana, onde vivia uma vida de eremita, por presenciar o avanço da sociedade tecnológica em sua espacialidade primitivista, em experiência semelhante àquela pela qual passou, na primeira metade do século XIX, o filósofo e abolicionista Henry David Thoreau, considerado também por alguns analistas como anarquista individualista.

Acossado pela sociedade tecnológica, Kaczynski resistiu, adotando como tática o envio por correio de cartas-bomba, ação que sustentou por mais de duas décadas, até ser delatado por seu irmão. No entanto, o momento decisivo de constituição de sua vida enquanto “vida filosófica” aconteceu quando propôs aos principais jornais dos Estados Unidos interromper seus atos terroristas em troca da publicação de seu libelo revolucionário, *A Sociedade Industrial e seu Futuro*. Como a personagem Nina do romance *O Caminho de Ida* pontua, o terror se modulava como dispositivo tático para a disseminação de sua palavra na esfera pública.

Unabomber foi uma expressão contemporânea do filósofo parresiasta que na antiguidade helênica, em consonância com a analítica de Michel Foucault, se projetava na praça pública, na ágora, para enunciar o discurso verdadeiro sobre a política do poder imperial que se constituía no século V a.C.

O desejo de parresía do *Unabomber* não se encerrou com sua prisão, somente inaugurou uma nova fase, dessa vez, de enfrentamento aos poderes jurídico e psiquiátrico, pelo direito de autorrepresentação, teoricamente assegurado na democracia representativa, pelos princípios de *isonomia* e *isegoria*. O ciclo parresiástico do *Unabomber*, em um primeiro momento bem sucedido, com a publicação de seu Manifesto, foi concluído com a imposição do silêncio à palavra, produto de um estreitamento da liberdade “formal”, assegurada pelos princípios de *isonomia* e *isegoria*,

negados por uma dinâmica extrajudicial que alimenta um dos sistemas carcerários mais numerosos da atualidade – o dos Estados Unidos –; o processo de negociação do réu com o promotor, conhecido como *Plea Bargaining*, reatualiza o princípio de “confissão” da pastoral cristã da Idade Média, em substituição à ordem jurídica burguesa edificada desde o século XVIII.

A relação do parresiasta com a verdade não é da mesma natureza que aquela de Platão estabelecida como “universal”, da “ideia” como realidade do mundo, acima e além do plano dos sentidos. A verdade de Kaczynski, na esteira dos cínicos, intenta arrancar a máscara e revelar a rosticidade do poder soberano e como, diria Foucault, “revelar a linha negra que desliza entre a máscara e o rosto que oculta” (Foucault, 1976: 123). Em outros termos, visa revelar a verdade de uma época, empunhando sua própria máscara, aquela produzida pelo desejo de espetáculo do FBI – o jovem com óculos de aviador –, ou aquela produzida pelo próprio Kaczynski/*Unabomber* – o terror como tática de interceptação do discurso falso, que finge ouvir, mas que atua de forma resoluta para restringir às dimensões mínimas os princípios de *isonomia* e *isegoria* que regulam os espaços de democracia formal. No entanto, não há em Kaczynski/*Unabomber* o desejo de preservação das regras do jogo dos “pais fundadores” da democracia estadunidense, mas o de “abrir as comportas” para o livre fluxo das palavras na ágora para a diluição da sociedade tecnológica contemporânea.

Unabomber pertence a uma longa série de existências que formularam um pensamento a partir de seu “modo de vida”, isto é, que formam uma série intempestiva de resistência às sociedades moduladas como civilizadas, no fluxo de desenvolvimentos tecnológicos que se chocam com as forças da natureza. Permanece preso.

Bibliografia

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (1994). *DSM-IV — Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CCcQFjAB&url=http%3A%2F%2Fxa.yimg.com%2Fkq%2Fgroups%2F24628176%2F550154015%2Fname%2FDSM-4%2B-%2Bportugues.DOC&ei=8JDdU6HVPLO-sQTs74HQAw&usg=AFQjCNFuB-ykhxVgRfAH3Ptq7VK7z9VtaA> (consultado em 02/08/2014).
- ARNOLD, Ron (1998). *Unabomber Documents: Theodore Kaczynski Guilty Plea*. Disponível em: <http://www.undueinfluence.com/unabomber-guilty-plea.htm> (consultado em 01/08/2014).
- CHRISTIE, Nils (1998). *A Indústria do Controle do Crime — A Caminho dos GULAGs em Estilo Ocidental*. Tradução de Luis Leiria. Rio de Janeiro: Forense.
- FALCÃO, Daniela (1995). “FBI anuncia a identidade do Unabomber”. In: *Folha de São Paulo*, 01/08/1995. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/01/mundo/5.html> (consultado em 17/07/2014).
- _____. (1995a). “Polícia americana nega possuir imagens em vídeo do Unabomber”. In: *Folha de São Paulo*, 08/07/1995. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/7/08/mundo/3.html> (consultado em 17/07/2014).
- _____. (1995b). “Washington Post” publica manifesto do Unabomber. In: *Folha de São Paulo*, 20/09/1995. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/20/mundo/8.html> (consultado em 17/07/2014).
- FOUCAULT, Michel (2011). *A Coragem da Verdade*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2010). *O governo de si e dos outros*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- _____. (2001). *Fearless Speech*. Los Angeles: Semiotext(e).
- _____. (1976). *Raymond Roussel*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- GOLDMAN, Emma (s/d). *The Tragedy at Buffalo*. Disponível em: <https://libcom.org/library/tragedy-buffalo> (consultado em 15/12/2014).
- GONZALEZ, Susana Inés (2002). *Piglia y Renzi: el autor y un personaje de ficción*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS. São Paulo: Associação Brasileira de Hispanistas. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000012002000300060&lng=en&nrm=abn (consultado em 05/08/2014).
- JOHNSON, Sally C. (1998) *Psychological Evaluation of Theodore Kaczynski*. Disponível em: <http://www.paulcoojmans.com/psychology/unabombreport.html> (consultado em 30/07/2014).
- KACZYNSKI, Theodore (1995). *A Sociedade Industrial e seu futuro — Manifesto de “Unabomber”*. Disponível em: <https://n-1.cc/file/download/1708759> (consultado em 25/07/2014).
- _____. (1995a). *La Société Industrielle et Son Avenir — Suivie d’une Analyse Critique de la démonstration de Kaczynski*. Disponível em: <http://www.esprit68.org/infokiosque/kaczynski.pdf> (consultado em 25/07/2014).
- LOMBROSO, César. *Los Anarquistas*. Editorial Antorcha. Disponível em: <http://en.bookfi.org/s/?q=Cesare+Lombroso&t=0> (consultado em 23/07/2014).
- MOORE, John (1998). *Beyond the Fragments: A Reaction to Industrial Society and Its Future*. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/john-moore-beyond-the-fragments-a-reaction-to-industrial-society-and-its-future> (consultado em 25/07/2014).
- OTLEY, Ted (s/d). *Ted Kaczynski: The Unabomber - Come Fly With Me*. Disponível em: http://www.crimelibrary.com/terrorists_spies/terrorists/kaczynski/3.html (consultado em 18/07/2014).
- PIGLIA, Ricardo (2014). *O Caminho de Ida*. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Companhia das Letras.

PRON, Patricio (2013). *Entrevista a Ricardo Piglia — Escribir una novela se parece a construir un complot*. Disponível em: <http://www.letraslibres.com/revista/entrevista/entrevista-ricardo-piglia-0> (consultado em 07/08/2014).

RINCON DE LA PSICOLOGÍA (2010). *Unabomber: el experimento psicológico detrás de la locura*, 12 de novembro de 2010. Disponível em: <http://www.rinconpsicologia.com/2010/11/unabomber-el-experimento-psicologico.html> (consultado em 22/07/2014).

SETTI, Ricardo (2013). Revista Veja 22/03/2013. “ESTA É UMA CADEIA DE VERDADE PARA BANDIDOS PERIGOSOS: Conheça a temida, inexpugnável e polêmica penitenciária de Florence, Colorado (EUA), antítese das chamadas cadeias ‘de segurança máxima’ brasileiras”. In: *Revista Veja*, 22/03/2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/conhecam-a-temida-inexpugnavel-e-polemica-penitenciaria-de-florence-colorado-eua-antitese-das-chamadas-cadeias-de-seguranca-maxima-brasileiras/> (consultado em 28/07/2014).

EARTH FIRST JOURNAL (1999). *Interview with Ted Kaczynski*. Disponível em: <http://www.primitivism.com/kaczynski.htm> (consultado em 28/07/2014).

THOREAU, Henry David (2001). *Desobediência Civil*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000019.pdf> (consultado em 29/07/2014).

_____. (2007). *Walden ou A Vida nos Bosques*. São Paulo: Ground.